

## A trajetória da comunidade Lagoa do Junco e o desafio de construir conhecimento com educação não formal.

Rosana Maria Gessinger

Leila Fátima Corrêa Job

Valderez Marina do Rosário Lima

### Resumo

O presente artigo apresenta o estudo que teve por objetivo compreender a relação entre educação ambiental e organização de agricultores da comunidade Lagoa do Junco em cooperativa, numa sociedade sustentável. Adotou-se como metodologia de pesquisa a observação participante e entrevistas não estruturadas, realizadas de maneira não formal. A análise deu origem ao texto explicitado na seção Educação ambiental, educação formal e educação não formal. Concluiu-se que a comunidade estudada construiu conhecimento com educação não formal por meio de cursos realizados no movimento, e evoluiu para a sustentabilidade devido à mudança de

paradigma, ao passar da forma convencional de produção de alimentos para a orgânica.

**Palavras-chave:** educação ambiental; educação formal; educação não formal; sustentabilidade.

### Introdução

A pesquisa foi realizada na comunidade do assentamento Lagoa do Junco situada em Tapes – Rio Grande do Sul. O interesse em estudar essa comunidade surgiu pelo fato de uma das pesquisadoras conhecer o local e por ter ali feito algumas visitas com alunos e professores da Escola na qual trabalhava.

A investigação teve por objetivo geral compreender, por meio da trajetória do assentamento Lagoa do Junco, a relação existente entre educação ambiental e organização em cooperativa numa sociedade sustentável. Os objetivos específicos traçados foram: registrar a trajetória da comunidade do assentamento Lagoa do Junco; descrever como ocorre o desenvolvimento sustentável na prática cotidiana de uma comunidade cooperativada e sustentável; identificar como ocorre a educação ambiental numa comunidade sustentável.

No presente trabalho, apresenta-se uma breve fundamentação teórica, a metodologia da pesquisa e os resultados da análise com as reflexões efetuadas.

## Referências teóricas.

O embasamento teórico para o desenvolvimento desta dissertação fundamenta-se na literatura sobre educação ambiental, educação formal e não formal, meio ambiente, sustentabilidade.

O Programa Nacional de Educação Ambiental (PRONEA) adota, como uma de suas linhas de ação, a comunicação para a educação ambiental, assim descrevendo sua função: “produzir, gerir e disponibilizar, de forma interativa e dinâmica, as informações relativas à Educação Ambiental”. Dias (1994, p. 23) define educação ambiental como o “o conjunto de ações educativas voltadas para a compreensão da dinâmica dos ecossistemas, considerando os efeitos da relação do homem com o meio, a determinação social, a evolução histórica dessa relação. Neste sentido, a escola não deve ser a única responsável pela educação ambiental, cabe também à sociedade assumir a responsabilidade de orientação correta sobre produção e consumo, recursos renováveis e não renováveis sendo, pois, a educação ambiental o primeiro passo para a sustentabilidade. Segundo Reigota (2008), os professores devem despertar a comunidade escolar para a importância da biodiversidade, e mostrar que mais importante do que isso é o fato de que nós somos uma das espécies que compõe essa biodiversidade. A questão ambiental não pode, portanto, estar desconectada da questão social e cultural.

A educação formal pode ser explicitada como aquela que está presente no ensino escolar institucionalizado. A educação

não formal pode ser definida como qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que, normalmente, se realiza fora dos quadros do sistema formal de ensino. A educação ambiental deve ser desenvolvida como educação formal e não formal, constituindo-se em um desafio para educadores (GOHN, 2006).

A educação não formal difere da educação escolar na qual, normalmente, os temas são previamente selecionados pela instituição e por isso nem sempre correspondem ao interesse de todos os educandos. Na educação não formal, os temas são escolhidos de acordo com o interesse do grupo. Segundo Garcia (2001, p. 152), “os espaços de educação não formal deverão apresentar algumas características: apresentar caráter voluntário; promover, sobretudo a socialização e a solidariedade; [...] a mudança social e favorecer a participação [...]”.

## Abordagem Metodológica.

A pesquisa realizada é de natureza qualitativa, com características etnográficas. Foi realizada no ambiente natural, com dados coletados diretamente na fonte. O caráter descritivo do estudo requereu a interação dos pesquisadores com a rotina dos indivíduos pesquisados (NEVES, 2006). Realizar uma pesquisa etnográfica é ‘mergulhar’ na cultura de um povo, escutá-lo, observá-lo, conviver com ele durante algum tempo. Essa abordagem de pesquisa “refere-se à análise descritiva das sociedades humanas, primitivas ou agrárias, rurais e urbanas,

grupos étnicos etc., de pequena escala” (LAKATOS, 2008, p.112).

A pesquisa começou com a observação participante na tentativa de traçar uma visão geral da situação social e do que ocorre na comunidade. E para tal, uma das pesquisadoras permaneceu por duas semanas no assentamento, observando como se realizam tanto os trabalhos dos agricultores como sua vida social. Durante esse tempo, foram realizadas entrevistas com os indivíduos participantes da pesquisa. Foram sujeitos da pesquisa os assentados da Lagoa do Junco, dois homens e duas mulheres pertencentes à comunidade dos agricultores cooperativados. Formaram este grupo o cooperativado mais antigo, que já foi presidente da cooperativa, duas trabalhadoras da comunidade e um trabalhador do assentamento. Entretanto, foram também coletados dados obtidos de outros sujeitos da comunidade, não participantes das entrevistas.

A coleta de dados foi realizada por meio de observação participante e de entrevistas que, segundo Lüdke e André (1986), ocupam lugar privilegiado na pesquisa educacional. Os dados coletados por meio das observações foram registrados em um diário no qual era anotado tudo que era perceptível na comunidade: o fluxo dos trabalhadores; a relação de uns com os outros; a resolução de conflitos; a organização dos grupos de trabalho; o lazer; a relação com visitantes e pesquisadores; a interação com o meio ambiente. As conversas eram anotadas quando as pessoas não estavam presentes para evitar constrangimento ou inibição. As entrevistas constituíram-se em

uma conversa amigável, em ambiente informal, à sombra de árvores ou na varanda das casas e os entrevistados contaram sua trajetória com detalhes riquíssimos.

O material coletado foi submetido à metodologia de Análise Textual Discursiva, conforme proposto por Moraes e Galliazi (2007). Segundo os autores, a Análise Textual Discursiva, num movimento recursivo entre as etapas de unitarização, categorização e comunicação, retoma a cada passo a visão do todo, constituindo-se em um processo cíclico. A unitarização é a etapa de desconstrução, que necessita da impregnação do autor, o que facilitará a eliminação de aspectos não pertinentes e o aparecimento das unidades de significado. A categorização é o processo que reúne elementos semelhantes no sentido da construção gradativa do significado de cada categoria, os quais vão sendo aperfeiçoados e se definindo cada vez com maior precisão. Assim que as categorias são definidas, passa-se para a construção de um novo texto, um metatexto, que expresse as compreensões efetuadas em relação ao fenômeno pesquisado. Assim, a comunicação emergente é um exercício de teorização, tanto no que se refere aos pressupostos teóricos que sustentam a interpretação, quanto na construção de novas teorias que o processo como um todo possibilita.

Do processo de análise resultaram as reflexões que são a seguir apresentadas.

## Educação ambiental, educação formal e educação não formal.

Ao se analisar a trajetória dos assentados da comunidade Lagoa do Junco, percebe-se que estes trilharam um duro caminho até chegarem à sustentabilidade. Organizados, homens e mulheres, dividiram tarefas e responsabilidades e, enquanto ainda estavam acampados em barracos de lona, planejaram o futuro. Passaram por dificuldades diversas, tendo como principal desafio suprir uma necessidade básica elementar: alimentação para todos. Enquanto aguardavam a conquista da posse da terra, os acampados trabalhavam em grupos de cooperação. Essa experiência serviu de alicerce para o trabalho coletivo, pelo qual optaram após assentados. A terra conquistada num local geograficamente privilegiado, com lindas paisagens, açudes, lagoa, mata nativa, fauna e flora abundantes, é um orgulho para estes assentados.

Ao final deste estudo, que teve como problematização inicial compreender a relação entre educação ambiental e organização de agricultores em cooperativa numa sociedade sustentável, chegou-se a um conjunto multifacetado de aspectos que auxiliam na construção de respostas: (1) a comunidade analisada atribui grande valor à educação, valorização esta construída nas vivências coletivas e no permanente diálogo entre a teoria e as experiências vividas; (2) a observação e a reflexão críticas sobre os malefícios da produção convencional para o ambiente estiveram no centro do gradativo movimento em direção à sustentabilidade; (3) o

respeito ao ambiente consolidou-se como prática cotidiana e reflete-se nas ações rotineiras, desenvolvidas pelos sujeitos da comunidade; (4) a educação ambiental de crianças e jovens ocorre tanto pelo vivenciar de um modelo sustentável como pela intencionalidade dos pais no processo educativo.

Sobre o primeiro aspecto percebeu-se nas respostas dos agricultores entrevistados, que a preocupação dessa comunidade não é somente com educação ambiental na escola, mas com a educação como um todo. A formação dos primeiros agricultores realizou-se tanto pela educação formal, alfabetização funcional, como pela educação não formal, no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra.

Os assentados relataram que tiveram dificuldades para aprender coisas novas, por exemplo, sobre o modo de produzir alimentos ecológicos. Um deles comentou:

*"[...] quando começamos, não havia formação técnica no assentamento para nos orientar. Tínhamos que aprender experimentando, errando e acertando. Quando buscamos orientação para plantar alimentos ecológicos, tivemos muita dificuldade. Os agrônomos só queriam prescrever receitas de produtos químicos inorgânicos"*

Os assentados são críticos quanto à qualidade da educação formal. Acreditam que a escola pode fazer mais, principalmente a respeito das questões ambientais e sociais. Em suas falas salientam que educadores comprometidos com a educação ambiental e com a justiça social podem ser agentes de transformação para um mundo mais humano, pois crianças e adolescentes passam mais tempo com os professores do que

com os pais. Há, na comunidade de assentados, o entendimento que a escola e os educadores podem contribuir para mudar a realidade, através do planejamento e do desenvolvimento de atividades que contribuam para pensar o coletivo.

O entendimento manifestado pelos assentados vem ao encontro das ideias de Gadotti (2000, p. 42), ao afirmar que:

*“Os problemas atuais, inclusive os problemas ecológicos, são provocados pela nossa maneira de viver, e a nossa maneira de viver é inculcada pela escola, pelo que ela seleciona ou não, pelos valores que transmite, pelos currículos, pelos livros didáticos (também pelos livros de filosofia).”*

Para essa comunidade, educação ambiental é a transformação da maneira de pensar, agir e viver, é a harmonia entre produção agrícola e preservação ambiental. A educação ambiental nesse assentamento realizou-se, portanto, na construção conjunta de conhecimento, sustentada pela percepção dos agricultores sobre os efeitos dos agrotóxicos para os indivíduos e para o meio ambiente. Este grupo preocupa-se com o meio ambiente e procura cuidá-lo, como demonstra concretamente o fato de terem recuado diante das consequências prejudiciais da agricultura convencional.

Sobre o segundo aspecto, é possível dizer que, desafiando crenças locais, os agricultores foram persistentes e obtiveram êxito com a agricultura orgânica. Coerentes com essa concepção, não levaram adiante a rizipiscicultura<sup>1</sup>, pois havia

---

<sup>1</sup> Sistema sustentável caracterizado pelo cultivo do arroz irrigado com a criação de peixes na mesma área.

muitos predadores e eles não queriam destruir a fauna, para preservar a produção. Evidencia-se nisto a evolução de seu entendimento a respeito da biodiversidade. Quando os assentados trabalharam com rizipiscicultura, paralelamente experimentaram, em um hectare de terra, a rizicultura totalmente orgânica. Aos poucos romperam mitos como o de que arroz só se produz de maneira convencional e que agroecologia só é possível em pequena propriedade. Mesmo sem conhecimento teórico, forma ao encontro do que preconiza Gliessman (2009, p. 548): “uma paisagem agrícola mais diversificada em uma unidade produtiva individual é reduzir ou eliminar quaisquer insumos agrícolas que tenham um efeito negativo em ecossistemas naturais e no funcionamento ecológico do agroecossistema”.

Ao realizarem os trabalhos no coletivo, cooperativados, formaram uma só propriedade, juntando a área de todos. Os assentados compreenderam a importância da cooperação, de modo que a maneira coletiva de trabalhar beneficiou a todos, especialmente aqueles cujos lotes situam-se em local de preservação permanente, não agricultável. Ao participarem da cooperativa, todos doam seus lotes a ela e, sendo a produção coletiva, todos os cooperativados usam a área disponível para plantação.

No que se refere ao terceiro aspecto, afirma-se que os agricultores do assentamento Lagoa do Junco praticam um modelo de produção que respeita o meio ambiente e a biodiversidade, o qual poderá se tornar uma solução para os problemas de contaminação e de destruição ambientais. Com a

produção de sementes orgânicas no próprio assentamento, os assentados estão alcançando a culminância do ciclo de sustentabilidade. Até agora, não houve sobra de capital, pois todos os rendimentos foram reinvestidos no assentamento. Sua mais recente conquista foi a agroindústria para o beneficiamento de arroz orgânico.

Os agricultores do assentamento entenderam que se deve produzir e levar em conta a saúde do trabalhador e do consumidor e a preservação do ambiente.

Como bem diz Gadotti (2000, p. 203): “a escolha é nossa: cuidar da terra e uns aos outros, ou participar da destruição de nós mesmos e da diversidade da vida”. Os assentados decidiram cuidar da terra e desvenená-la, conforme saliente um assentado:

*“Demorou a conseguir fazer com que a terra ficasse despoluída e gerasse novamente vida. Desde 1992, até 2009. Agora se percebe que está melhorando, mas ainda não está totalmente despoluída. No início a terra ficou sem os químicos inorgânicos e ainda não conseguia gerar a biodiversidade do solo para ajudar na produção orgânica.”*

A produção orgânica foi aumentando gradativamente e os assentados começaram a discutir, em assembleia, a possibilidade de passar a produzir somente produtos orgânicos, como contou uma entrevistada:

*“Realizamos uma assembleia, depois de muita conversa, decidimos e mudamos de cheio, de uma hora para outra. Uns achavam que nós éramos loucos, iríamos perder com isso, não daria produtividade. Mas não demos bola. Foi decidido em*

*assembleia, ou é tudo ou é nada, e agora era orgânico. A horta passou a ser só ecológica, os animais, tudo.”*

Depois dessa decisão corajosa, empenharam-se na produção de alimentos ecológicos visando, simultaneamente, conseguir sobreviver com seu trabalho. “Para aumentar o rendimento, controlar as pragas e fazer crescer a fertilidade do solo, o agricultor que faz plantação orgânica usa uma tecnologia baseada no conhecimento ecológico, não na química nem na engenharia genética” (CAPRA, 2005, p.199).

Relativamente à educação ambiental, nessa comunidade, ainda ocorre na prática do cotidiano, de maneira intencional, pois as crianças, desde pequenas, aprendem com os pais valores importantes para uma vida saudável. A alimentação tem um destaque especial para este grupo. Por conservarem muito presentes as dificuldades dos tempos de acampados, orientam as novas gerações sobre o consumo consciente.

A presente pesquisa proporcionou o entendimento sobre a maneira de produção e de organização de uma comunidade que, com muita determinação, construiu sua história de vida. O longo caminho percorrido foi espinhoso, cheio de incertezas e insegurança. Os assentados tiveram muita disposição para superar as dificuldades e os conflitos da vivência em comunidade. Encontraram forças na compreensão e no apoio mútuo, na solidariedade e no diálogo, como bem resume um dos entrevistados: “Demoramos muito tempo para chegar onde chegamos. Fomos persistentes, mas muitas vezes se não



fôssemos fortes e não estivéssemos amparados uns nos outros, dava vontade de desistir”.

O grupo tem esperança de que na próxima safra ocorra sobra de capital. Seus integrantes souberam ser críticos na definição da maneira de produzir alimentos, tomaram a decisão de tentar alternativas e, embora tenham tido muitas frustrações, não desistiram até conquistar o planejado.

Os assentados da Lagoa do Junco sempre tiveram uma certeza: não queriam deixar de ser trabalhadores rurais, queriam uma maneira viável e sustentável de continuar no campo, e conseguiram. A partir de seu modelo de produção, é possível considerar que a produção orgânica de alimentos é economicamente viável.

Esta comunidade construiu uma nova história para suas vidas, confirmando as palavras de Freire (1987, p.127): “não há história sem homens, como não há uma história para os homens, mas uma história de homens que, feita por eles, também os faz [...]”.

### Referências bibliográficas

**CAPRA**, Fritjof. As Conexões Ocultas: Ciência para uma Vida Sustentável; tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2005.

**DIAS**, Genebaldo Freire. Educação Ambiental: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1994.

**FREIRE**, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.

**GADOTTI**, Moacir. Pedagogia da Terra. São Paulo: Petrópolis, 2000.

**GARCIA**, V. A. A educação não formal no âmbito do poder público: avanços e limites. São Paulo: Editora Unicamp, 2001.

**GLIESSMAN**, Stephen R. Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2009.

**GOHN**, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, vol.4, n. 50, 2006.

**LAKATOS**, Eva Maria. Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Atlas 2008.

**LUDKE**, M; **ANDRÉ**, M. E. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

**MORAES**, Roque; **GALIAZZI**, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva. Ijuí: Unijuí, 2007.

**NEVES**, Vanessa Ferraz Almeida. Pesquisa-ação e etnografia: caminhos cruzados. v.1, n.1, São João Del Rei, 2006.

**REIGOTA**, Marcos. Educação ambiental: utopia e práxis. São Paulo: Cortez, 2008.

### Sobre os autores

**Leila Fátima Corrêa Job** - Licenciada e graduada em Ciências Biológicas e especialista em Educação Ambiental UNISC/RS,



Mestre em Educação em Ciências e Matemática PUC/RS. Possui experiência como educadora. E-mail: leilafjob@gmail.com.

**Valderez Marina do Rosário Lima** - Licenciada e graduada em Ciências Biológicas, Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professora do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: valderez.lima@pucrs.br.

**Rosana Maria Gessinger** - Licenciada em Matemática pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e Professora da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. E-mail: rosana.gessinger@pucrs.br.

## The trajectory of the Lagoa do Junco community and the challenge of building knowledge with non-formal education.

### Abstract

The main objective of this article is to understand the relation between environmental education and the agricultors' organization in the community of Lagoa do Junco as a cooperative, in a sustainable society. The methodology involved participant observation and non structured interviews. The analysis led to the construction

of a text text shown in the section titled Environmental education, formal and informal education. It was concluded that the studied community built their knowledge through informal education courses given by the Landless Workers Movement and headed toward sustainability due to a paradigm change, changing from conventional to organic food production one.

**Keywords:** environmental education; formal education; informal education; sustainability.